

Um doador para salvar Antônio

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Aos quatro anos de idade ele bateu pé, resmungou, chorou como só menino chora. Conseguiu. Ganhou dos pais um capacete e um cassete de soldado. Foi o dia mais feliz da sua vida. Desejo realizado. Ele ri como só menino feliz consegue rir. Para marcar o dia, até foto fez. Está no álbum da família. Fez pose de soldadinho de chumbo. Aos 16, lutava karatê em Taguatinga e era um dos mais aplicados da academia. Colecionou medalhas. Aos 24, no último ano do curso que o tornaria oficial da Polícia Militar do Distrito Federal, teve que ser reformado. Descobriu que sofria de miocardiopatia dilatada, doença que aumenta o tamanho do coração e faz com que os ventrículos percam a força para realizar a irrigação sanguínea.

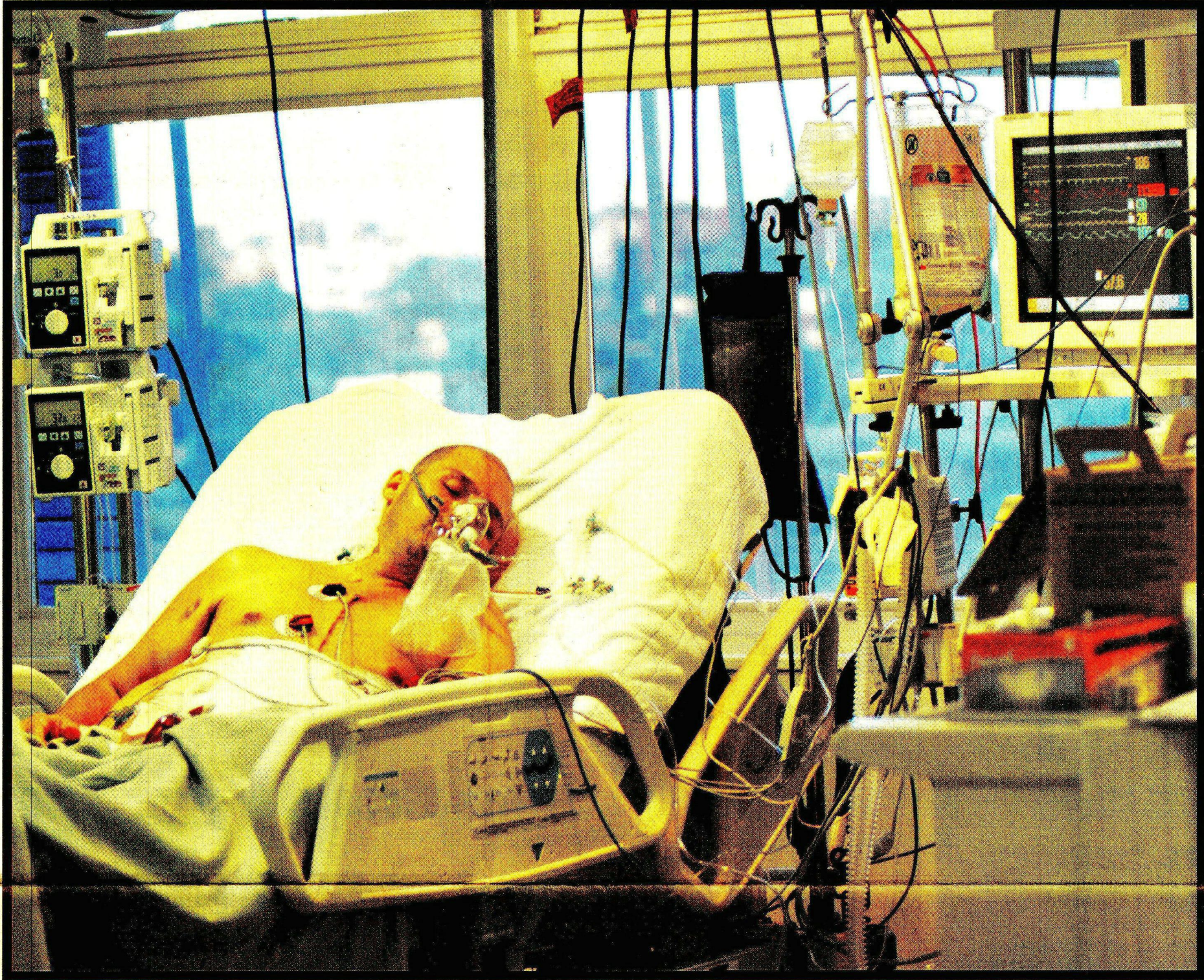
Depois de seguir à risca o tratamento que lhe foi imposto, depois das várias internações em hospitais de São Paulo (Beneficência Portuguesa e Incor), ele decidiu que queria viver, estudar, levar uma vida normal. Formou-se em direito. Destacou-se entre os colegas. Aos 28 anos, casou-se com a professora Wanice Bernardo Valli, então com 21 anos. Planejaram ter filhos, uma casa espaçosa onde as crianças pudessem brincar e uma vida feliz. Aos 34, está no quinto andar do Hospital das Forças Armadas (andar cedido ao Instituto do Coração (Incor-DF) vivendo faz nove dias com um coração de plástico, enquanto espera pelo milagre de receber a doação de um coração novo.

No dia 24 de fevereiro, o menino que sonhou ser militar foi submetido a um procedimento cirúrgico delicado e de alta complexidade tecnológica (chamado de medicina de ponta) no Incor-DF. Antônio Roberto Pereira Queiroz recebeu dois ventrículos artificiais que assumiram a função de bombear o sangue para o resto do corpo. A cirurgia, inédita no Centro-Oeste, é a única esperança de sobrevivência do policial, até que apareça um coração novo que possa ser transplantado nele. E essa é a luta e o sofrimento da família. A luta contra o tempo, contra o imponderável. Uma luta sobretudo pela vida. E pela conscientização das pessoas à importância da doação de órgãos.

E o tempo, a cada dia, se torna mais curto para Antônio Roberto. O policial pode usar os ventrículos artificiais por, no máximo, quatro ou cinco meses. Depois desse período, os problemas de irrigação sanguínea voltarão a aparecer. O coração de plástico não poderá ser simplesmente substituído. O que o salvará será um novo coração de um doador compatível. Hoje, ele é o primeiro paciente — de uma lista de sete pessoas — à espera de um transplante de coração do DF.

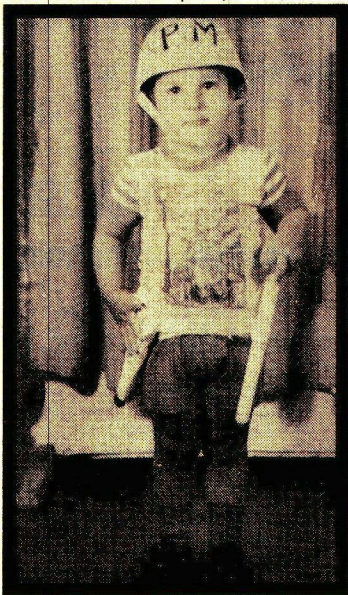
Mas a questão é bem complexa. O sistema de notificação dos hospitais (sobretudo os particulares) à central de captação de órgãos é muito pouco eficiente. “Temos um centro de alta tecnologia aqui e uma equipe médica excelente. O que nos impede de aumentar o número de transplantes é a pequena oferta de órgãos”, analisa Renato Bueno Chaves, cardiologista da equipe de transplantes do Incor-DF. Para se ter uma idéia, desde a abertura do Incor, em

Toninho Tavares/Especial para o CB



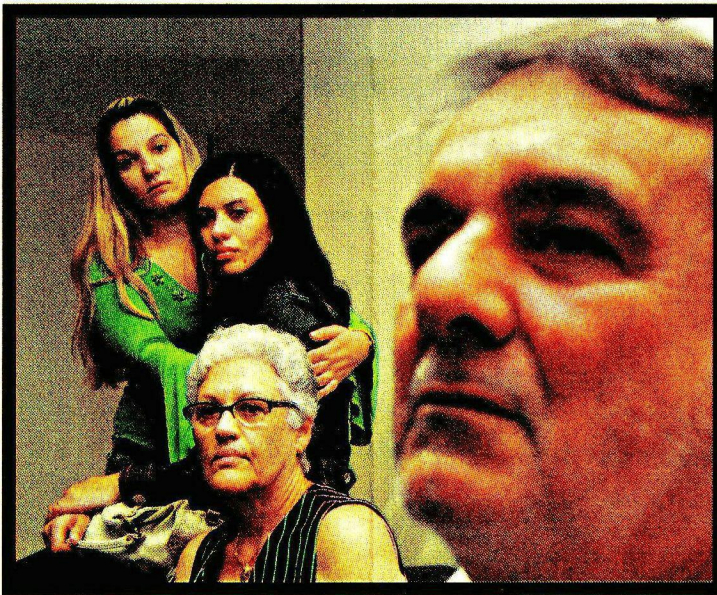
HÁ NOVE DIAS NA UTI, ANTÔNIO ROBERTO LUTA PELA VIDA: CIRURGIA COMPLEXA GARANTE, MAS POR POUCO TEMPO, O BOMBEAMENTO DO SANGUE DO CORAÇÃO PARA O RESTANTE DO CORPO

Ronaldo de Oliveira/CB/Reprodução



NA INFÂNCIA, A VONTADE DE VENCER: SONHO DE SER UM OFICIAL DA PM

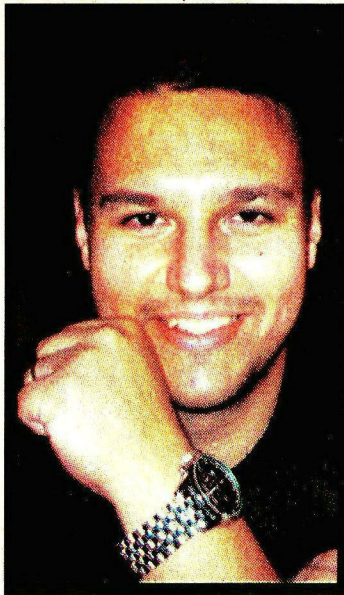
Ronaldo de Oliveira/CB



“MEU FILHO É UM HOMEM FORTE, CORAJOSO, VALENTE. SEMPRE SOUBE DA GRAVIDADE DO SEU PROBLEMA, MAS NUNCA DESISTIU DE VIVER. NUNCA LASTIMOU”

Darci Queiroz, a mãe (entre o marido, a filha e a nora, à esquerda)

Ronaldo de Oliveira/CB/Reprodução



REFORMADO NA POLÍCIA, ANTÔNIO ROBERTO SE FORMOU EM DIREITO

2004, três transplantes cardíacos foram realizados. E três pacientes morreram esperando pelo órgão que nunca chegou.

Fé inabalável

Na tarde de ontem, no Incor-DF, a família do tenente reformado recebeu o **Correio** para uma entrevista exclusiva. Pai, mãe, mulher e irmã. Desde 2 de janeiro deste ano, quando o policial teve a sua segunda parada cardíaca e o quadro geral piorou de vez (até os rins anunciaram que estavam parando e as funções hepáticas

diminuíram sensivelmente), a vida dos familiares mudou radicalmente. No Hospital do Incor passam a maior parte do tempo.

No dia 31, a equipe médica não teve mais dúvida. O paciente entrou na fila de transplante. Começou o drama da família na corrida contra o tempo. Depois do procedimento cirúrgico a que se submeteu há nove dias, Antônio Roberto, sem poder falar, escreveu, com letra trêmula: “O sofrimento é muito grande”. O pai, o funcionário público aposentado Arlindo Antônio de Queiroz, 65,

engole o choro ao lembrar do bilhete escrito pelo filho. Com a voz embargada, desabafa: “Estamos juntos pra ajudá-lo no que for possível e no impossível”.

A mãe, a professora aposentada Darci Pereira Queiroz, 63, apóia-se na fé inabalável: “A gente tem que contar com todas as incertezas. Mas no momento certo tudo vai acontecer. Deus vai preparar e trazer esse coração no momento oportuno”. E diz que o filho, assim como ela, crê numa força superior. “Ele acredita que todas as coisas acontecem

porque Deus está ali.”

Wanice, a mulher, hoje com 27 anos, não desanima: “Vou continuar lutando por ele e por todos os que esperam por uma doação de órgão. Ele mesmo me diz que quando sair daqui vai lutar por essa causa”. Emocionada, a professora lança um manifesto: “Faço um apelo às pessoas que trabalham nos hospitais para que notifiquem as mortes cerebrais à central de captação. Doar é amor. É ver que parte do seu ente querido está vivendo em outra pessoa”.

Momento certo

Fé é o que realmente tem amparado a família. Na segunda-feira, Antônio Roberto teve um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVC). Foi operado. E, segundo as primeiras avaliações da equipe médica, não haverá seqüelas. “A cirurgia neurologista acredita que a área motora e a cognitiva não foram afetadas”, diz Wanice. “Hoje, quando fui passar a mão nele, ele ficou todo arrepiado. Sinal de que está tendo reação, que responde aos estímulos”, comemora

a mulher, revendo fotos do marido no computador dele.

Confiante, Darci, a mãe, mesmo com todo o sofrimento e todas as incertezas vividas no dia-a-dia, diz acreditar na recuperação total do filho mais velho. E que o coração que o salvará “chegará no momento certo”. Como vida, faz um desabafo, na verdade uma declaração de amor: “Eu o admiro muito. Meu filho é um homem forte, corajoso, valente. Não desiste. Sabia e sempre soube da gravidade do seu problema, mas nunca desistiu de viver. Nunca lastimou. Nunca reclamou, nem nos momentos mais difíceis”. E revela um pedido feito a Deus: “Nas minhas orações, eu só pedia que não tirasse do meu filho a fé, a esperança e a alegria que ele tem em viver”.

Tanta fortaleza uma hora desaba. Só quem viveu e vive com alguém na UTI sabe que dor é essa. A mulher admite chorar, “longe dele, pra que ele não sofra vendo a gente chorar”. Os pais também. A irmã caçula, Raquel Pereira Queiroz, 25, segue a mesma orientação. O próprio Antônio Roberto, por duas vezes, chorou na UTI. Quando a mulher lhe perguntou por que chorava, ele respondeu: “É por esse coração que nunca chega”. E continuou, segurando-lhe as mãos: “O meu maior medo é que depois de tudo que passamos, de toda minha luta, do sofrimento, esse coração não consiga chegar”.

A mãe lhe garantiu que o coração chegará, sim. O pai também. A mulher lhe prometeu fazer o impossível. Na tarde de ontem, a mãe fez um apelo, uma súplica à doação: “Estamos vivendo pela esperança e fé em Deus na chegada desse dia. É a esperança na boa vontade das pessoas, no olhar humanitário, na vontade de salvar”. No quinto andar do Incor, vivendo com um coração de plástico, um homem de 34 anos espera por um milagre. Um milagre que bate, pulsa, bombeia, sangra e se transforma em vida.